



BRINCANDO DE ESCOLINHA, A OPÇÃO PELO MAGISTÉRIO

Tânia Regina Barbosa de Oliveira⁹

*Roda gigante, roda no tempo. Tanta saudade aqui me traz.
Feito menino solto no vento, um passarinho nos quintais.
Prova do fruto, do bom da vida. Um jeito puro no que diz.
Guarda no fundo dessa alegria qualquer receio em ser feliz.
Roda menino, roda no tempo, que gente grande assim se faz.
Voa nas asas do pensamento os dias que não voltam mais.
Ah se eu soubesse o quanto doía mudar um dia e crescer
O meu coração o mesmo diria: – Hoje a saudade é você.*

(Tempos Idos, poema da música de Nino¹⁰).

⁹ Professora do Departamento de Fisioterapia/CCS.

¹⁰ Poema da música “Tempos Idos”, do compositor paraibano Heronides da Silva Ramos (Nino), que foi apresentada no III Festival Universitário da Música Popular, realizado no Teatro Municipal Severino Cabral, em Campina Grande/PB, no qual a música foi premiada em segundo lugar e a autora do presente texto recebeu o prêmio de Intérprete Revelação, em 1980.



1. INTRODUÇÃO

A mesa-redonda intitulada “Docência Universitária: Lições da Experiência” tem proporcionado momentos de reflexão pessoal e profissional da atuação docente no ensino superior, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A proposta da mesa-redonda é apresentar aspectos da trajetória da carreira acadêmica de professor, compartilhando com os demais colegas os desafios, os obstáculos e as realizações no ensino superior.

A promoção de atividades de atualização didática no ensino superior é um assunto que vem sendo abordado em outras Instituições de Ensino Superior (IES), conforme se observa no artigo “Ação didática no ensino superior: a docência em discussão” (ALTHAUS, 2002), no qual a didá-

tica é considerada o aspecto mais importante para o desenvolvimento da docência, tendo consideráveis implicações no cotidiano da vida universitária. Nesse trabalho, a autora apresenta uma reflexão acerca das ações do Programa Didática em Ação (PRODEA), desenvolvido pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), em Guarapuava/PR, com o objetivo de promover a reflexão através de oficinas pedagógicas e outras atividades similares. O programa busca a articulação entre ensino, pesquisa e extensão como prática pedagógica no ensino superior, reconhecendo os principais desafios da sociedade atual.

No contexto desses desafios, Schwartzman (1997) nos chama a atenção para a evolução da “cultura letrada”, que ocorre em sociedades nas quais as pessoas são capazes de se expressar por escrito e entender o que leem. Afirmo o autor que, no mundo contemporâneo, a generalização da cultura letrada é o produto mais importante que se pode esperar de um sistema de educação competente, que priorize todos os níveis de ensino, do básico ao universitário. Dessa forma, vale a pena o esforço das IES em promover o aprimoramento do exercício da docência, pois ao mesmo tempo está criando condições de construir pontes entre os saberes científicos e os saberes culturais, trazidos pelas sociedades nas quais as universidades estão inseridas. Essas ideias são corroboradas por Guimarães (1997) e Ribas (2000).

A prática docente envolve um processo de ensinar-aprender-aprendendo e este constitui o nosso principal desafio. Para Lea Anastasiou, que denominou o processo de ensino-aprendizagem de processo de “ensinagem”, o percurso entre o ensinar e o aprender exige um clima de trabalho no qual o conhecimento possa ser saboreado em comunhão entre os pares. A autora refere-se à socialização dos saberes, quando professor e aluno podem saborear a experiência da apreensão e produção do conhecimento. Para isso, o saber inclui um saber quê, um saber como, um saber por quê e um saber para quê (ANASTASIOU, 2002, p. 32).

Quando convidados à reflexão sobre as motivações que nos levaram a ingressar na vida acadêmica, conseqüentemente, somos também levados a outros questionamentos sobre como o conhecimento é compartilhado

e é produzido no ensino superior, o que também é válido nos outros níveis da educação. Masetto (1998), ao abordar a articulação entre ensino e aprendizagem, propõe maior ênfase ao modo como se dá essa aprendizagem, pois este deve ser o foco principal desse processo, quando a tarefa primordial do aluno é adquirir progressiva autonomia, especialmente na aquisição de conhecimentos ulteriores (MASETTO, 1998, p. 26).

A construção dessa autonomia é também discutida por Marcos Teixeira (2002), que ressalta a importância da didática no ensino superior para a promoção dos meios do aluno adquirir progressiva autonomia, e esta, por sua vez, exige articulação de saberes complementares, em atividades extramuros das IES (ALTHAUS, 2002).

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo compartilhar o relato pessoal da minha trajetória acadêmica, assim como as motivações pessoais que me conduziram a trabalhar na universidade, discutindo, na medida do possível, o envolvimento da prática docente com a extensão universitária e a promoção da cultura, que tem sido o principal foco do trabalho que realizo no ensino na área da saúde.

2. O ESTÍMULO À DOCÊNCIA

Diferentemente de outros colegas participantes da mesa-redonda “Docência Universitária: Lições da Experiência”, que relataram o estímulo da família para a escolha profissional pelo magistério, especialmente dos pais ou mães que eram professores, igualmente diferente daqueles que tomaram essa decisão na vida adulta, após o amadurecimento profissional, eu não recebi nenhum incentivo pessoal para sequer pensar nessa possibilidade. A minha profissão foi escolhida prematuramente pelos meus pais, quando eu mal havia entrado no ensino fundamental. Eles, ao perceberem a minha empolgação com os estudos e a escola, me disseram:

– Você é uma menina estudiosa, será a médica da família.

Eu não sei explicar o que me fez olhar para eles de maneira circunspecta, aos sete anos de idade, e apenas afirmar:

– Eu serei professora.

O que faz uma criança no início da sua vida escolar decidir qual será a profissão que seguirá na vida adulta? De onde vem esse desejo? Cada pessoa poderá responder a essas perguntas de diferentes formas, porque, obviamente, cada um tem uma história de vida diferente. A minha escolha, entretanto, foi fundamentada em experiência vivenciada no primeiro ano da vida escolar. Essa experiência foi a única força motriz responsável pela minha escolha profissional. Em breve recorte: O que foi mesmo que eu encontrei quando ingressei na escola? Quais experiências marcaram minha vida?

Durante minha infância, o primeiro obstáculo que eu encontrei para estudar foi a longa distância entre a minha casa e a escola: cerca de mais de três quilômetros eram percorridos a pé, debaixo de sol ou de chuva. O meu segundo obstáculo era eu ser a segunda filha de uma família numerosa e ter um irmão mais velho que detestava a escola. Eu era louca por livros e adorava ler tudo o que estivesse ao meu alcance. Como eu nascera em família muito simples e que não entendia o valor da leitura, os poucos livros a que eu tinha acesso eram os livros didáticos do material escolar, os quais eu lia e “devorava” a todos, antes mesmo do início das aulas. Lia também, e com muito gosto, as revistas em quadrinhos que eu conseguia com as outras crianças da vizinhança.

Assim, quando eu me vestia para ir à escola, eu não ia apenas para aprender, pois muitas lições apresentadas pelos livros eu já havia estudado em casa mesmo. Eu ia para “curtir” a escola, para aproveitar ao máximo tudo o que aquele espaço social tinha para me oferecer. Para mim, aquele era o melhor ambiente que existia no mundo; o lugar aonde eu ia encontrar outras crianças como eu; onde todas as lições eram passadas e repassadas quantas vezes fossem necessárias. Na escola onde eu estudei, todos os dias, em determinado momento, havia uma pausa nas atividades de ensino. Era quando as crianças se reuniam em pequenos grupos para falarem sobre seus assuntos favoritos e ali brincávamos livremente enquanto durassem aqueles 15 minutos denominados “hora do recreio”.

Foi nesse período que eu conheci a minha primeira referência profissional, a professora da primeira série. Ela era magrinha e tinha algo

diferente na coluna vertebral. Na época, eu não sabia do que se tratava, mas hoje sei. Minha querida professora nascera com uma cifose congênita na coluna torácica, que se apresentava em forma de gibosidade unilateral, na altura das escápulas. O seu cabelo era castanho claro e muito longo. Acredito que ela nunca cortava e nós pensávamos que devia ser promessa. Notadamente, ela poderia não ter o perfil de beleza feminina, mas quando falava era como se alguma coisa ficasse suspensa no ar. Eu a achava a mulher mais bela do mundo. Todos os alunos a respeitavam, exceto o meu irmão mais velho, que abominava os estudos. Por isso, era comum o meu irmão ficar de castigo e levar um bilhetezinho para os nossos pais, quase todos os dias. Essa minha primeira professora se chamava Teresinha. Ela ensinou-me uma das mais belas lições, que eu guardo até hoje.

Um dia, quando a turma não parava de fazer barulho durante a sua aula de português, ela parou tudo e fez a seguinte pergunta:

– Por que vocês vêm à escola?

Um aluno respondeu:

– Para estudar.

– Estudar para quê? Insistiu ela.

– Para aprender! Respondeu a turma em uníssono.

Então, Dona Teresinha começou a falar sobre a importância do conhecimento. Disse que de todos os bens que se pode adquirir na terra o conhecimento é o mais importante, pois os bens materiais nos podem ser tirados a qualquer momento, e por qualquer pessoa, mas ninguém pode nos tirar o conhecimento adquirido. No curso de sua argumentação, explicou que depois da vida que recebemos de Deus, o conhecimento é o que nos permite dar sentido à nossa vida, e que quando as pessoas adquirem esse bem tão grandioso se tornam capazes de transformar a realidade à sua volta. Na sua sabedoria, a professora Terezinha já compreendia que o conhecimento está intimamente relacionado ao poder. Para concluir sua preleção, ela disse que as crianças vão à escola em busca desse “Inestimável Tesouro”, e sorriu. O sorriso mais belo que eu já vi alguém sorrir. De acordo com Foucault, o saber consiste em en-

trelaçar o visível e o enunciável. Em contrapartida, o poder é a sua causa pressuposta, mas, inversamente, o poder implica saber, relaciona-se com o saber. Não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de saber, nem de saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 1972, p. 152). Talvez tenha sido essa a mensagem oculta no belo sorriso da minha professorinha.

3. A BUSCA PELO CONHECIMENTO

Foi assim que no primeiro ano escolar eu me deparei com a magnitude desse bem imaterial – o conhecimento, o qual eu precisaria adquirir para que a minha existência pudesse ter sentido. Eu, que adorava ler, passei a entender que esse era um bom caminho, um caminho maravilhoso. Então, comecei a brincar de ensinar. Essa passou a ser minha brincadeira favorita. Tudo o que eu aprendia na escola eu queria compartilhar com alguém. Queria que as pessoas aprendessem e entendessem como é bom estudar.

O meu primeiro aluno foi, justamente, o meu irmão mais velho que ia à escola com muita resistência. Assim, eu tive a honra e o privilégio de ajudá-lo a fazer suas tarefas escolares. Um desafio que assumi e me rendeu bons frutos. Depois, passei a ensinar aos outros irmãos mais novos. Mas, para o meu desencanto, eles não gostavam de “brincar de estudar”. Faziam isso com total desinteresse e por pura obrigação. Como sabemos, este era mesmo o nome dado: “deveres escolares”.

Então, para “brincar de escolinha e estudar”, eu não tinha outra opção. Restavam-me apenas as bonecas, as quais eu organizava dentro do meu quarto como se estivéssemos numa sala de aula. Eu elaborava materiais minúsculos e colocava-os à sua disposição. Em seguida, com uns pedaços de giz branco, que eu trazia da escola, e um pedacinho de tecido, eu abria a porta do guarda-roupa e escrevia na parte de dentro o roteiro da minha “aulinha”. E eu ficava ali, absorta durante horas, “brincando de ensinar”. Nessa brincadeira, minha felicidade estava exatamente em exercer o papel de professora. Porém, quando minha mãe descobriu o meu passatempo favorito, me disse que eu poderia brincar de qualquer

coisa, menos de “professorinha”, pois eu seria a “médica da família”. Poderia, sim, brincar, desde que eu brincasse de médica. Essa foi uma exigência feita pela minha mãe na minha infância.

Além dessa brincadeira, gostava de ler e, também, de atividades físicas. Fui uma menina meio levada, que gostava de correr e pular corda. Então, houve um momento na vida escolar que eu me envolvi na prática de esportes. Isso ocorreu entre os meus 11 e 14 anos e foi, sem dúvida, outra referência importante para a escolha da minha profissão atual de fisioterapeuta.

Nesse período, eu também me senti atraída pela música e aos 13 anos eu ganhei dos meus pais o meu primeiro violão. Aos 17 anos, após ter cantado em alguns grupos de corais e como vocalista do Grupo Roda-Viva, participei pela primeira vez do III Festival Universitário da Música Popular (FUMPO), realizado no Teatro Municipal Severino Cabral, em Campina Grande, Paraíba, em 1980. Na ocasião, fui considerada pelo júri a “Intérprete Revelação” e ganhei o primeiro prêmio da minha vida como cantora. Esse foi um momento tão importante e significativo para mim que poderia ter determinado um novo rumo profissional. Era a primeira vez que eu cantava para uma grande plateia e havia sido aplaudida de pé ao final da apresentação da música *Tempos Idos*¹¹.

Entretanto, a perda do meu pai no ano seguinte me trouxe novas responsabilidades e tive que ingressar no mercado formal de trabalho para ajudar nas despesas da família. Mas a música, na fase final da minha adolescência, contribuiu muito para a compreensão do valor da arte na vida humana, especialmente como ferramenta para a lapidação das qualidades do espírito. Assim, esse momento único de ter sido premiada cantando ficou guardado com carinho como uma das melhores lembranças vividas na minha adolescência. Impossível esquecer aquela homenagem, pois na plateia que me aplaudiu de pé, na primeira fila, estavam muitos dos professores e colegas da escola pública onde eu estava concluindo o ensino médio.

¹¹ *Tempos Idos*: música de composição de Heronides da Silva Ramos, também conhecido como Nino. Fala de um adulto que diante de um parque de diversões, ao contemplar a roda-gigante, faz uma viagem no tempo e retorna à sua infância, enquanto faz reflexões sobre o tempo presente.

4. ESCOLHA PROFISSIONAL PELA ÁREA DA SAÚDE

Hoje, eu sou fisioterapeuta e docente do ensino superior. Durante os caminhos trilhados em busca do conhecimento, acredito que a formação profissional e a obstinação pessoal me fizeram progredir e chegar a ocupar o posto em que estou neste exato momento: corpo docente do Centro de Ciências da Saúde da UFRN.

Quando eu mergulho nessas memórias, vejo uma menina tentando encontrar o seu caminho, na medida em que caminhava, sem saber ao certo aonde iria chegar. É exatamente disso que trata o poema de Antônio Machado¹², poeta sevilhano:

*Caminhante, são teus rastos
o caminho, e nada mais;
caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar faz-se o caminho,
e ao olhar-se para trás
vê-se a senda que jamais
se há de voltar a pisar.
Caminhante, não há caminho,
somente sulcos no mar.*

(Antologia Poética, 1999).

A dedicação ao esporte no início da adolescência me deu novas perspectivas sobre a educação. Participar de um trabalho em equipe e buscar objetivos comuns foi o novo sentido do aprendizado daquela fase de minha vida. Entender que o exercício físico é tão fundamental à vida e à saúde psíquica quanto são os livros foi, talvez, o diferencial para a escolha da fisioterapia como profissão. Assim, andando por esses caminhos, sem perceber, eu fui me tornando “Professora” e fiz opção pela docência como profissão.

¹² Os poemas de Antônio Machado foram transcritos da 2ª ed. (revista e aumentada) de uma Antologia Poética (com seleção, tradução, prólogo e notas de José Bento), da editora Cotovia (1999).

Em 1991, recém-formada em Fisioterapia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), submeti-me a um concurso de provas e títulos para professor na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Resolvi me inscrever, mesmo sabendo que não tinha nenhum título acadêmico, além do meu diploma de graduação. O desejo de lecionar foi tão grande que estudei o suficiente para obter aprovação na primeira fase. Passei nas outras fases do concurso e iniciei o exercício profissional na docência. Naquele momento, eu soube que o meu maior adversário era exatamente o medo de ingressar nesse universo novo que se apresentava em meu horizonte. Era a possibilidade concreta para realizar o desejo de infância de ingressar na vida acadêmica universitária como docente.

Anos após meu ingresso na UEPB, em 1996, realizei minha primeira pós-graduação lato sensu, tornando-me Especialista em Neurologia. No ano seguinte, fui aprovada para o Mestrado em Ciências Médicas, na área de concentração em Saúde Mental, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e tive que mudar para Campinas/SP, onde permaneci até a conclusão do programa de pós-graduação em nível de doutorado na mesma área. Concluído o doutorado em 2004, ingressei como docente da UFRN um ano depois, através da aprovação em concurso público de provas e títulos para área de aparelho locomotor do Departamento de Fisioterapia dessa IES.

Decorridos vinte e um anos desde que eu ministrei a primeira aula em uma universidade, continuo a trajetória de vida em busca do conhecimento, novos saberes e descobertas no campo das Ciências Médicas e da formação docente. Durante o percurso, especialmente nos anos dedicados aos estudos em nível de pós-graduação, esse foi o foco, a bússola, o meu norte. Obviamente, outros acontecimentos marcaram minha vida, especialmente na vida pessoal, mas nada me trouxe mais sentido do que a busca constante pelo conhecimento.

5. OS MESTRES QUE ENCONTREI NO CAMINHO

Quando concluí o doutorado na UNICAMP, comecei a pensar nos mestres que eu havia encontrado no decorrer dos caminhos percorridos

e, então, passei a entender como o universo articula forças positivas para presentear os seres buscadores do conhecimento. Aprendi a reconhecer a grandeza desse bem a partir do reconhecimento aos grandes mestres que passaram em minha vida.

Quando olho para trás, vejo nitidamente que os meus primeiros mestres foram os meus pais e avós. Sim, geralmente, a família é o lugar onde se dão as primeiras relações de ensino e de aprendizagem. E eu sou eternamente grata aos meus pais e avós por todas as oportunidades e situações que me foram proporcionadas nas fases da infância e da adolescência, para aprender, ler, ir à escola, praticar esportes, tocar violão, cantar. Agradeço por permitirem que eu trilhasse por caminhos nem sempre conhecidos, vencendo seus próprios receios e obstáculos sociais para garantirem aos seus filhos o direito à educação.

Os mestres da minha infância e adolescência que encontrei nos ambientes escolares trouxeram suas contribuições no seu devido tempo. Quantos questionamentos meus eles tiveram que responder para que eu pudesse me convencer de algo que eu porventura desacreditasse? Como é bom poder me lembrar da querida professora Teresinha e das suas lições sempre tão ricas em sabedoria, já no meu primeiro ano escolar, assim como de outros professores. Cada um, a seu modo, me deu chaves de portas que eu fui abrindo, vagarosa ou apressadamente, à medida que ia me desenvolvendo como pessoa e profissional da área da saúde, no exercício da docência no ensino superior.

Dentre muitos mestres, cabe destacar, também, o professor Edilson, de Educação Física, que era o técnico do time de handebol do qual eu participei na adolescência. Quanta coisa ele me ensinou sobre estratégias! E quantas vezes na vida nós precisamos ser estrategistas para poder continuar sobrevivendo? Lembro-me que no início da prática docente na UEPB me deparei certo dia com ele, professor experiente de Educação Física, cursando Fisioterapia! Nesse momento, eu tive a oportunidade de perceber a ação do tempo na vida humana e da relatividade dos saberes. Dos encontros e reencontros que acontecem ao longo das nossas jornadas, vivenciei o reverso do convencional: quando um aluno tor-

na-se mestre do seu mestre. Dentre outras, essa lição eu jamais poderia esquecer. Foi um dos momentos mais gratificantes da minha vida acadêmica, pela oportunidade de compartilhar e dialogar sobre diferentes saberes, com um dos mestres mais importantes da minha adolescência.

Ainda que de forma diferenciada, outros grandes mestres que destaco são os meus filhos. Quantas lições a maternidade oferece para uma mulher? Na impossibilidade de quantificar, lembro, qualitativamente, como eu pude aprender e crescer na convivência com eles, na medida em que juntos atravessamos fases anteriores bem distintas, nas quais eu desempenhava o papel de mãe.

Mas, sem dúvida, os maiores mestres que eu tive na construção da pessoa que eu sou hoje foram os professores orientadores dos cursos de pós-graduação. A eles todas as homenagens são insuficientes, diante das possibilidades de aquisição e de produção do conhecimento proporcionadas nos estudos de pós-graduação. Aos professores e orientadores, a minha gratidão, especialmente por compartilharem seus saberes comigo e abrirem outras perspectivas para o aprofundamento de estudos e a busca de novos conhecimentos.

Após a conclusão do doutorado na UNICAMP, retornei ao Nordeste e, em seguida, após aprovação em concurso público, iniciei minhas atividades docentes na UFRN. Foi nesse momento histórico da minha trajetória profissional que eu fiz o primeiro curso oferecido pelo Programa de Atualização Pedagógica da UFRN, o PAP, coordenado pelas Pró-Reitorias de Graduação e de Gestão de Pessoas.

Assim, pela primeira vez na minha trajetória acadêmica como docente, tive a oportunidade de vivenciar a experiência de discutir sobre aspectos pedagógicos da prática docente no ensino superior. Das atividades oferecidas pelo PAP e dos temas relacionados à docência ressalto, especialmente, as questões da didática e da atuação ética do professor na UFRN. Considerando meu ingresso ainda muito jovem no universo do magistério e considerando que tinha precárias lições de didática estudadas durante o Curso de Especialização em Neurologia na UEPB e na

pós-graduação na UNICAMP, foi uma grande alegria ter encontrado na UFRN um programa de apoio pedagógico destinado aos seus docentes. Para mim, o PAP promoveu o reencontro com as reflexões sobre a importância do papel de educador, respondendo a algumas das minhas indagações. O programa despertou-me para muitas questões em torno da aprendizagem dos estudantes na sociedade contemporânea, apontando-me possibilidades e alternativas para atuação docente nas situações de formação acadêmica dos estudantes universitários.

6. E O QUE É DIDÁTICA, AFINAL?

Para o professor, esta deve ser uma questão fundamental para o exercício profissional da docência: O que é didática, afinal? Se cada profissional do ensino se debruçar sobre esse questionamento verá que existe um universo de possibilidades de respostas. Falar sobre didática é falar sobre processo de ensino e de aprendizagem. Para Inês Laranjeira, o processo de aprender depende tanto de quem ensina como de quem aprende e de como aprende, pois:

Aprender é desprender dos grilhões da ignorância a razão que entende a vida. É exercer o poder de desatá-la de um amesquinhado feixe de fragmentos e nos prendermos à grandeza de sua totalidade. E, assim, desencarcerar os olhos que vêem suas nuances; os ouvidos que captam seus ritmos; as mãos que tateiam seus contornos; os pés que perfazem os caminhos e, enfim, as palavras que anunciam suas verdades. Destarte, é o saber, tanto mais inteiro, ferramenta maior na forja da liberdade. Se pensarmos que é esse de agora, o tempo que dele prescinde, é porque só agora pudemos sabê-lo. E se, então, não formos agora ao seu encontro, haveremos de conformar nossa vida à mera sina, renunciando ao que de mais fundamental distingue o ser humano (LARANJEIRA, 2000, p. 81).

Especialmente nas Ciências Médicas, a prática reflexiva no ensino superior torna-se muito mais imprescindível e essencial na medida em que tem como objetivo a saúde do ser humano. De fato, trata da forma-

ção de seres humanos que vão cuidar da saúde de outros seres humanos, dotados de particularidades, potenciais e fragilidades que dependem de múltiplos fatores, relacionados às suas trajetórias de vida e contextos biopsicossociais. Segundo Perrenoud (2002), numa profissão humanista, torna-se muito mais difícil agir como um simples executor de métodos e técnicas, sem se permitir o ato da reflexão e do questionamento sobre o fazer e para quem se faz. Nesse contexto, os trabalhos de Brutten (2010; 2011) ressaltam que o ensino em saúde deve considerar, entre outros, dois aspectos distintos para que ocorra a socialização do conhecimento nessa área: a realidade de quem aprende, ou seja, o futuro profissional da saúde, e a realidade social dos usuários dos serviços de saúde e comunidades nas quais esse futuro profissional irá desenvolver suas atividades. Infelizmente, o paradigma cartesiano ainda é predominante no ensino da saúde, para o qual o corpo é uma máquina e a doença é considerada um mau funcionamento de alguma parte dessa estrutura mecânica. Atualmente, apesar de todos os avanços tecnológicos e mudanças curriculares, esse paradigma ainda tem norteado a maioria das práticas de ensino nos cursos da saúde. Geralmente, as disciplinas fragmentam os saberes de tal forma que fica cada vez mais difícil entender o ser humano como um todo.

De acordo com Capra (2012), na maioria das disciplinas, o foco é a doença e não a pessoa humana e os múltiplos aspectos relacionados ao processo saúde-doença, como os aspectos sociais relacionados à distribuição de renda, moradia, qualidade de trabalho, educação, alimentação, meio ambiente, entre outros que influenciam na qualidade de vida dos indivíduos. Ao contrário, no ensino em saúde, esses aspectos da vida humana devem ser priorizados quando se pretende entender o processo do adoecimento e desenvolver práticas de promoção da saúde e do bem-estar.

Compreendida como uma arte por excelência, a docência abrange também um aspecto importante a ser considerado: a pessoa humana que a executa como profissão. Eu vejo possibilidades múltiplas na condição humana, especialmente aquelas relacionadas à sua sensibilidade como indivíduo único em sua existência. Acredito que é essa sensibilidade individual, entre outras características pessoais e culturais, que vai determinar o modo particular de exercer a docência, a partir da escolha de métodos

e técnicas didático-pedagógicas, dentro de suas possibilidades criativas.

Assim, logo cedo eu identifiquei meu estilo pessoal e optei por minha sensibilidade à música e à literatura. Desde o início de minha atuação docente, foi esse o tom que eu dei às minhas aulas nos Cursos de Fisioterapia em diferentes universidades.

Por que eu escolhi esse caminho da música e da literatura? A resposta é simples: eu senti a necessidade de inserir um pouco de humanidade a esse curso da área da saúde. O que mais me angustiou durante o período em que fui estudante do Curso de Fisioterapia foi o modo tecnicista como era conduzido o processo de ensino-aprendizagem. O ensino com ênfase predominantemente técnica me incomodou bastante e eu me perguntava: “Como poderei tratar pessoas humanas de uma forma tão tecnicista? Onde está a pessoa, o homem, a mulher, o jovem, a criança?”. Por isso, quando ingressei no magistério superior, essa foi a minha primeira bandeira: imprimir um pouco de humanidade ao ensino puramente técnico da Fisioterapia.

Na minha trajetória profissional como docente, dou como exemplo o meu envolvimento em atividades voltadas para a atenção básica e promoção da cultura, por acreditar na relação entre cultura e saúde. Escolhi áreas mais humanitárias para estudar e me aprofundar, como a pós-graduação na UNICAMP, através da qual eu pude vivenciar aspectos importantes da saúde humana, como é o caso da saúde mental.

Na UFRN, o percurso que venho traçando desde o início das minhas atividades docentes revela a opção humanitária feita desde o início da minha vida profissional. Todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão cadastradas no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) revelam isso: o meu envolvimento com atenção básica à saúde e à cultura. Dentre os projetos de extensão cabe destacar:

a) “Música e Poesia na Saúde”, no qual realizamos encontros envolvendo alunos de cursos da saúde em hospitais e entidades sociais para realização de atividades de canto e poesia, com os usuários desses serviços de saúde.

b) “Encontro Poético-Musical na Saúde”, com participação de docentes da Escola de Música da UFRN e de outros departamentos, para sensibilizar docentes e discentes sobre a importância da música na promoção da saúde.

c) “Recitais Natalinos”, realizados por alunos de diferentes cursos, como Medicina, Fisioterapia, Psicologia, Serviço Social e Comunicação Social, em hospitais e entidades sociais no período natalino, com atividades musicais e poesia para a promoção do bem-estar entre pacientes crianças, adultos e idosos hospitalizados.

Tenho utilizado a música para sensibilizar os futuros fisioterapeutas, os futuros profissionais de outros cursos da saúde e os profissionais de saúde de Unidades de Saúde da Família, espaço onde desenvolvi ações de saúde como tutora do Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde/SF. Apesar das dificuldades encontradas, eu continuo fiel aos princípios que regeram a minha escolha profissional. E se alguém me pergunta:

– Quais os resultados de suas opções na condução da docência?

A resposta é imediata e objetiva:

– Gratificação pessoal e profissional. Muitas! É o que respondo, sorridentemente.

Satisfação suficiente para continuar acreditando numa educação em saúde mais humanitária, mais coerente com a natureza humana, que é biológica, psicológica, social, cultural e espiritual, pois não se pode pensar em formar profissionais da saúde de uma forma meramente tecnicista e mecanicista. Essa postura não desmerece o valor dos métodos e técnicas de avaliação e tratamento convencionais.

De modo mais específico, minhas gratificações pessoais são concretizadas no contato diário com alunos e usuários dos serviços de saúde na prática clínica e nas ações de promoção da saúde, nos diversos cenários de prática. São os depoimentos dessas pessoas, nas Unidades de Saúde

da Família e em ambulatórios hospitalares, nos quais eu tenho desenvolvido atividades de ensino, pesquisa e extensão, que me fazem acreditar nas questões éticas relacionadas ao ensino em saúde em Instituições de Ensino Superior.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A melhor maneira de saber onde você se encontra é lembrar os caminhos por onde andou e o que eles lhe trouxeram de aprendizado. Nos caminhos que eu percorri em busca do conhecimento, encontrei muitos mestres, é verdade, e reconheço que sem eles eu provavelmente não estaria onde estou neste exato momento.

Na dinâmica desse processo de construção da pessoa que eu me torno a cada instante vivido, muitas lições me são reveladas. Eu percebo que daquela menina que queria adquirir conhecimento, porque acreditava que isso poderia transformar a realidade, ainda existe muito na mulher de quase 50 anos que eu sou agora. Acredito na contribuição, no papel da Educação para a transformação das realidades sociais no mundo em que vivemos. Entretanto, é importante perceber que essa transformação acontece de diferentes formas e em processos, muitas vezes, demorados demais e que às vezes não conseguimos sequer perceber que ela está em curso. Mas a principal mudança ocorre mesmo é na pessoa humana, durante o percurso. No contexto das questões apresentadas no presente trabalho cabe, por fim, ressaltar que a busca constante pelo conhecimento é, para mim, o sentido da minha própria vida.

Para finalizar este relato da minha experiência como docente no ensino superior, transcrevo o poema “Ser Grande”, de Fernando Pessoa¹³, cujo conteúdo resume significados:

¹³ Disponível em: <<http://www.umfernandopessoa.com/analises/poema-para-ser-grande-se-inteiro.htm>> Acesso em: 6 jun, 2012.

*Para ser grande, sê inteiro: nada
teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
brilha, porque alta vive.*

A despeito dos avanços na área de formação docente, da contribuição das tecnologias da informação e comunicação para a educação, enfim, da necessidade de profissionalização da atividade do professor, não se pode desconhecer que a docência é, antes de tudo, uma arte. É, sem dúvida, uma das mais antigas artes que a humanidade desenvolveu para garantir a sobrevivência neste planeta. É arte a serviço do desenvolvimento psicossocial quando contribui para a disseminação, a transmissão e a produção do conhecimento acumulado ao longo dos séculos. É assim que eu compreendo a docência. Acredito na importância da didática como ferramenta indispensável ao aperfeiçoamento dessa arte, como acredito na possibilidade de inserção de um pouco mais de humanidade no processo de ensino. Das lições dos estudos e da experiência, esta é uma das que pautam minha prática docente. E porque acredito, compartilho.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS, Maiza Taques Margraf. **Aula universitária**: a dinâmica do ensinar-aprender. Guarapuava: Jornal Nossa Voz, maio/2002.

_____. **Ação didática no ensino superior**: a docência em discussão. Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 7, n.1, p. 101-106, jan./abr. 2004.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior e os saberes científicos e pedagógicos**. Rev. Univille. Educação e Cultura, v. 7, n. 1, junho/2002.

BALDI, Elena Mabel Brütten; PIRES, Gláucia N. da Luz; FERREIRA, Maria Saloniilde (Org.). **Políticas educacionais e práticas educativas**. Natal/RN: EDUFRN, 2011.

BALDI, Elena Mabel Brütten. Rede de aprendizagem na universidade: o ensino como prática da comunidade. In: BALDI, Elena Mabel Brütten; ARAÚDO, Virgínia Maria Dantas (Org.). **Comunidade de aprendizagem no ensino superior**: diversidade de experiências e saberes. Coleção Pedagógica, Natal/RN: UDUFRN, 2010. p. 13-26.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. Extensão universitária como reconfiguração de saberes. In: LEITE, Denise B. C; MOROSINI, Marília (Org.). **Universidade futurante**: produção do ensino e inovação. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 55-66.

LARANJEIRA, Maria Inês. **Da arte de aprender o ofício de ensinar**: relato, em reflexão, de uma trajetória. Coleção Educar. Bauru, SP: EDUSC, 2000

MASETTO, Marcos Tarciso. **Docência na universidade**. 2. ed. Campinas/SP: Papirus, 1998.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIBAS, Mariná Holzmann. **Construindo a competência**: processo de formação de professores. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. **A redescoberta da cultura**. Conferência realizada no Congresso Brasileiro de Sociologia, por ocasião da 43ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1991. Publicado em SCHWARTZMAN, Simon. **Redescoberta da Cultura**, São Paulo: Editora da USP, 1997.

TEIXEIRA, Marcos. **Prática docente e autonomia do aluno**: uma relação a ser construída em cursos de graduação. Tese de Doutorado. USP. São Paulo: 2002.